

Para que nos serve o pensamento chinês?*

Jorge Vulibrun¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente trabalho estabelece um contraste entre as culturas ocidental e chinesa, principalmente no que se refere àqueles conceitos que, por serem básicos, são aceitos sem crítica por cada uma delas e sobre os quais se fundamentam seus respectivos pensamentos. A China e o Ocidente são apresentados como dois modos diferentes de enfrentar os problemas humanos, que se desenvolveram de forma totalmente independente, em função da pouca interação que existiu entre as duas culturas. O valor que cada uma tem para a outra reside neste ponto: servir de espelho para se enxergar melhor.

Palavras-chave: Cultura chinesa; ser *versus* estar sendo; processo; mudança *versus* estabilidade.

Abstract

The present paper establishes a contrast between Western and Chinese cultures, especially as regards to those concepts that, been basic, are accepted without criticism by each of them and over which they based their thoughts. China and the West are presented as two different ways to address human problems, developed totally independent one of the other, due to the little interaction that existed between the two cultures. The value that each has for the other lies exactly in this point: they serve as a mirror to see themselves in a more clear way.

Keywords: Chinese culture; to be *versus* being; process; change *versus* stability.

* The utility of the chinese thinking

¹ Endereço para correspondências: Rua 3610, 100, Balneário Camboriú, SC, 88.330-245 (E-mail: jorgevul@redel.com.br).

Por que China?

A China está em evidência. Tudo o que dela vêm está rodeado de certo *glamour* que atrai ou repele. Nesse sentido, cabe questionar se é só mania ou há nessa evidência algo valioso que podemos aproveitar.

Primeiramente, devemos lembrar que a China (中國 *Zhong Guo*, lit.: País do Centro) é, praticamente, uma ilha rodeada pelo Oceano Pacífico, a tundra siberiana, as estepes de Ásia Central, os montes Himalaia e as selvas da Indochina. Isso, unido a pouca disposição chinesa para a navegação marítima, manteve o país isolado e fortaleceu o desenvolvimento de uma cultura própria muito específica.

Como nação, a China tem registro histórico contínuo de mais de três mil anos, fato singular na história da humanidade, só compartilhado pela Índia. Esta, porém, apresenta fases fortemente diferenciadas, em função das invasões que sofreu e que introduziram mudanças significativas em sua cultura, enquanto aquela, que sofreu também invasões (tibetana, mongol, manchu), sempre conseguiu absorver seus conquistadores, incorporando-os à cultura chinesa.

Esses registros históricos chegam na forma de textos de todo tipo, perfeitamente legíveis, em função da constância da escrita chinesa, que se encontra em objetos de bronze, estelas de pedra e manuscritos em tiras de bambu, panos de seda pintada e papel. Sem exagero, a cultura chinesa outorgou prioridade enorme à escrita, o que levava, já na dinastia Han (século III a.C – III d.C.) à existência de grandes bibliotecas.

Uma característica saliente da história chinesa é que ela passou por ciclos de desenvolvimento, estancamento e decadência, que se repetiram muitas vezes ao longo do tempo. Esses ciclos coincidem, não muito surpreendentemente, com as diferentes dinastias que governaram esse imenso país e com os interregnos de lutas civis ou de invasões que as separaram. Assim, falar de uma dinastia chinesa equivale a se referir a características específicas de pensamento, de formas políticas e econômicas, de estilos arquitetônicos etc., mas sem perda de sua “chinesidade”. Adicionalmente, a cultura chinesa foi o fator civilizador principal dos países que a rodeiam, como Japão, Vietnã, Tibete, Mongólia, Coréia, influência conseguida sem que, em geral, fossem necessárias invasões armadas. No quadro seguinte apresentamos um resumo da história chinesa.

Quadro 1

Períodos da história chinesa

Mítico	GOVERNANTES 'SÁBIOS'. Três reis e cinco imperadores: Fu Xi, Shen Nung, Huang Di (o Imperador Amarelo), Yao, Shun
-2205/ -1766?	DINASTIA XIA. Fundamentalmente mítica; culturas primitivas ao longo do Rio Amarelo.
-1765? -1123?	DINASTIA SHANG. Registros arqueológicos e escritos (escritura em carapaças de tartaruga e vasos de bronze). Estabelecida no curso inferior do Rio Amarelo (nordeste da China atual).
-1122?/ -256	DINASTIA ZHOU. Fundada pelos reis Wen e Wu (autores míticos do Yi Jing [I Ching]). No começo ocupou uma pequena fração da China central atual. (Introdução de carros de guerra: influência ariana?)
	PERÍODO PRIMAVEIRA-OUTONO. -722/-481: Diminuição do poder dos Zhou. Regime feudal. (Armas de ferro). Confúcio, Laozi.
	PERÍODO DOS ESTADOS GUERREIROS. -403/-221: Guerras civis constantes. Idade de ouro do pensamento clássico, chamado também Período das Cem Escolas (sem que nenhuma tivesse predomínio duradouro). Mêncio, Zhuangzi, Mozi.
-255/ -207	DINASTIA QIN. Unificação da China. Predomínio da escola Legalista. Padronização da escrita (a mesma de hoje), dos tamanhos das carruagens, da administração pública. Queima de livros (-213). Soldados de terracota.
-206/ +220	DINASTIA HAN. Consolidação do Império. Taoísmo Huang-Lao (taoísmo + legalismo). O confucionismo, incorporando a escola yin-yang, virou ideologia dominante (-100). Manuscritos de Mawangdui (-178): Dao De Jing (Tao Te Ching), Yi Jing (I Ching). Invenção do papel (-100) e impressão xilográfica.
221/ 589	PERÍODO DE DESUNIÃO. Vários estados e dinastias, intensa instabilidade política e econômica. Decadência do confucionismo, regência do taoísmo semi-religioso e introdução do budismo.
590/ 906	DINASTIA SUI (590-617) e DINASTIA TANG (618-906): Ressurgimento da China. Esplendor durante os Tang (batalha de Talas, no norte de Afeganistão, em 751, contra os árabes). Dominância do budismo.
960/ 1279	DINASTIA SUNG Politicamente fraca, com muitas invasões do norte, mas florescente culturalmente. Grande síntese neoconfuciana (o confucionismo incorporou elementos taoístas, budistas e legalistas) que predominou como ortodoxia até o séc. XX (Zhu Xi, 1130-1200). Textos impressos por tipografia, com caracteres independentes (século X).

1280/ 1367	DINASTIA YUAN. Domínio Mongol. (Marco Pólo)
1368/ 1643	DINASTIA MING. Restauração chinesa. Viagens marítimas do almirante Zheng He entre 1405 e 1433, com navios de 100m. e 500 homens, que chegaram até a África Oriental - e, conforme alguns estudos, até América do Sul.
1644/ 1911	DINASTIA QING. Domínio Manchú. Anarquia e invasões ocidentais durante o séc. XIX, que marcaram período de grande decadência da China.
1948/	Dinastia comunista. O presidente, indicado pelo Partido Comunista, equivale ao imperador e os membros do partido equivalem à burocracia estatal dos mandarins. Adaptação de uma ideologia "legalista" forânea (o comunismo leninista) sobre uma base confuciana. ²

Até o século XVI, os contatos entre China e Europa eram praticamente nulos em função das dificuldades de comunicação. Mercadores viajavam entre esses pontos, como testemunham o famoso Caminho da Seda, as sinagogas em Kaifeng, os relatos de Marco Pólo etc., mas essas viagens não constituíram fatores de intercâmbio cultural. A única influência significativa que a China recebeu por meio das rotas comerciais da Ásia Central foi o budismo indiano. Assim, tanto sua língua quanto seus costumes, cultura, filosofia e religião foram desenvolvidos de forma totalmente independente daquelas que predominaram na Europa. Ela não teve origem comum com o Ocidente (como a Índia indo-européia) nem os contatos freqüentes que permitiram influência recíproca (como o Oriente Médio semita). Justamente aí reside seu valor: ela apresenta uma solução **diferente** aos mesmos problemas humanos.

A China nos apareceu (por meio dos missionários portugueses e espanhóis) já inteira e madura, mas logo se enfraqueceu, por problemas internos que se estenderam até fins do século XX. Nem por isso devemos agir como *Bwana* inglês na África vitoriana, descartando essa solução como uma *chinoiserie* folclórica, ingênua ou qualquer outra pecha que possamos utilizar para desvalorizá-la, haja vista a continuidade cultural de mais de trinta séculos que a China apresenta e o Ocidente não pode igualar.

Então, para que pode nos servir a China? Para fornecer um ponto de vista diferente que permita reavaliação de tudo aquilo que, de uma forma ou outra, sustenta nossos pensamentos e ações, porque o consideramos verdade ou afirmação auto-evidente e que, portanto, não é pensado.

² Por isso a Comunidade Européia adotou-o como seu hino.

Noutras palavras, para entender melhor o que significa estar inserido no pensamento ocidental e, pensando o impensado, visualizar as mudanças necessárias para nos permitir vidas mais produtivas e equilibradas. O pensamento chinês é o *outro* lacaniano que ajuda a nos definir e compreender, a nos entender e melhorar.

A existência desse *outro*, ao fornecer um conjunto diferente de conceitos que sustentam a vida, provoca, inicialmente, insegurança e medo. De aí, a primeira reação é rejeitá-lo. Essa visão – que, não por ser outra, é mais verdadeira – oferece a oportunidade ímpar da síntese, o que permite galgar mais um degrau no avanço contínuo na direção de uma vida mais fecunda e equilibrada.

Resumindo, agora que está recuperando a força e a vitalidade que a caracterizaram durante tanto tempo, a China pode assumir o papel de espelho no qual a cultura ocidental se reflita e nos ajudar a responder à pergunta: Por que fazemos o que fazemos da forma em que o fazemos?

Obviamente, o fenômeno complementar acontece na China. Quando tiveram de enfrentar o fracasso evidente do socialismo maoísta, fizeram-se essa mesma pergunta e, olhando em seu espelho, o Ocidente, utilizaram-se dele com seu pragmatismo habitual, assumindo-se como sociedade tecnoindustrial de consumo, única forma, neste século XXI, de trazer prosperidade aos habitantes de um país.

Toda cultura desenvolveu, em maior ou menor grau, quatro tipos de discursos: étnico ou folclórico, natural o científico, religioso ou místico e filosófico ou sapiencial. Nesse último tipo de discurso (ao qual vamos nos limitar neste trabalho), o pensamento chinês é múltiplo, como o ocidental, e está dividido em quatro grandes linhas: confucionismo, taoísmo, legalismo e budismo, muitas vezes incompatíveis e conflitantes entre si, mas que, como no Ocidente, compartilham uma base conceitual, fundamentada em alguns princípios muitas vezes impensados e aceitos por eles como auto-evidentes. De toda a extensa história chinesa, focalizaremos o período clássico, século V a II a.C., porque corresponde a um momento em que a filosofia estava no apogeu e prestes a se converter em religião, num processo inverso ao ocidental.

São alguns desses conceitos auto-evidentes, ocidentais e chineses, que trataremos na seqüência.

Nada é, tudo está sendo

Vamos propor, *à la* Einstein, um experimento mental. Imaginemos que estamos ouvindo os sete últimos minutos da sinfonia nove, em ré menor, *opus* 125, a *Nona* de Beethoven, o coro final que fecha o que, em opinião quase unânime, é a jóia máxima da música mundial.

O que ouvimos foi a *Nona* de Beethoven? Não. Ouvimos ondas sonoras geradas por um alto-falante que, propagando-se através do ar até nossos tímpanos, converteram-se em sinais nervosos, integrados e interpretados pela rede neural de nosso cérebro. Esse alto-falante foi comandado por sinais elétricos, gerados por um *software* numa espécie de computador, que tentaram reproduzir o som emitido por mais de 100 pessoas ocupadas historicamente em golpear, raspar, beliscar e assoprar objetos de metal, madeira, couro, tripas e pêlos de animais, ao mesmo tempo em que outras 100 pessoas gritam em alemão: “Todos os homens são irmãos”.² Essa multidão foi estimulada pela presença, em sua frente, de um indivíduo que, mexendo freneticamente uma vareta de madeira ou metal, tentou influir nas emoções, dedos, laringes e mentes de todos eles. Toda essa atividade aconteceu interpretando-se, mais ou menos fielmente, as instruções concebidas e escritas em 1824 por uma pessoa totalmente surda.

Devemos destacar que, trocando-se de regente, a *Nona* Sinfonia não será a mesma, trocando-se a orquestra, a *Nona* não será a mesma, trocando-se a sala, a mídia ou o aparelho reproduzidor, a *Nona* não será a mesma. Se o barítono solista tomou friagem no dia anterior à gravação, a *Nona* não será a mesma, se você estiver distraído, a *Nona* não será a mesma, se o telefone tocar... a *Nona* não será a mesma e o que você sentir ao ouvi-la não será o mesmo.

Por causa dessa variabilidade, a filosofia ocidental não conseguiu problematizar a música, e sim a pintura. Um quadro está sempre presente, é sempre o mesmo, ele “é” e pode-se falar interminavelmente sobre ele, argüindo-se num sentido ou outro. A música, por sua vez, é fugaz, efêmera, nunca é a mesma. Ela só pode ser sentida no momento de sua execução. Merleau Ponty (1975, p.276) disse, em seus *Textos estéticos* e antes de partir para analisar os quadros de Cézanne: “A música [...] está por demais aquém do mundo e do designável, para figurar outra coisa a não ser épuras³ do Ser, seu fluxo e seu refluxo, seu crescimento, suas explosões, seus turbilhões”.

³ Épura é a representação num plano de uma figura tridimensional.

Por outro lado, “[...] profundidade, cor, forma, linha, movimento, contorno, fisionomia são ramos do Ser, e cada um deles pode reproduzir toda a ramagem [...]” (Idem, p.300).

Então, o que podemos dizer da música? Que **ela não é, está sendo**, e isso vai contra praticamente tudo o que a filosofia ocidental pensou, já que, nesta, Heráclito e seu rio foram esquecidos e Parmênides e seu Ser, enaltecidos. Essa afirmação, **está sendo**, está contra, principalmente, as expectativas de um ateniense que, frustrado pela derrota de sua pátria perante Esparta, tentou consolar seus concidadãos, dizendo: “Vos arrasaram? Não vos preocupeis; o que vedes são somente sombras produzidas por uma Luz que está Além. Sofrei, mas consolai-vos: a Verdade está um pouco mais longe, como uma cenoura atrás do burro [ops, não era uma cenoura o que estava atrás, era uma lâmpada]” (Versão livre deste autor do mito da caverna de Platão).⁴



Figura 1

Aquiles enfaixa o braço de Pátroclo
Cálice ático de figuras vermelhas do Pintor de Sósias, 500 a.C.

⁴ A Merleau Ponty só faltou dizer “somas do Ser” em lugar de “épuras do Ser” para se instalar de vez na caverna platônica.

Só que **estar sendo** não é específico da música e vale para tudo, porque não é demais perguntar: O que acontecerá com os quadros de Cézanne de aqui a 25 séculos? Suas cores, suas linhas, permanecerão como hoje? O que pensarão sobre eles nossos descendentes? O mesmo que nós pensamos sobre a pintura grega de 2500 anos atrás?: “Bonitinha, não é mesmo?”.

Platão, em definitiva, deslumbrou-nos com sua luz e acabou nos condenando às sombras que pretendia dissipar. É contra esse conformismo que o filósofo americano John Dewey (2000, p.49) se rebelou, já em 1909, dizendo:

As concepções que reinaram durante dois mil anos na filosofia da natureza e do conhecimento, até se converterem na mobília habitual da mente [ou seja, o impensado], descansavam no suposto da superioridade do que é fixo e final, e em considerar a mudança e o originado como sinais de defeituoso e de não real.

Assim sendo, o Ocidente, perseguindo a quimera do eterno, perdeu a dimensão do tempo, que, desde Heráclito, foi representado pela água que flui, sempre diferente, mas sempre constante.

Como a China pensou a música? Um dos seis livros clássicos atribuídos a Confúcio e fundamentais para a cultura desse país é o *Yue Jing*, o Livro da Música, do qual só restam alguns fragmentos que formam o capítulo XVII do *Li Jing*, o Livro dos Ritos. Nele podemos ler:

*Os antigos reis instituíram os ritos para dar um curso correto às vontades [do povo], a música para harmonizar suas vozes, as leis para unificar suas condutas e os castigos para evitar as ações incorretas. O objetivo ao qual conduzem os ritos, a música, as leis e os castigos são um: o bom governo para todo o povo. [...] Quando os ritos, a música, as leis e os castigos funcionam regularmente e sem confrontos o *dao*⁵ do governante se completa (CONFÚCIO, Yue Ji).⁶*

⁵ Lembramos que *dao* é a transliteração atual da palavra *tão*, discurso que guia efetivamente a conduta ou discurso que descreve o comportamento efetivo de cada processo em todas suas nuances.

⁶ A tradução dos parágrafos do Livro da Música aqui apresentados foram feitos por este autor do texto chinês disponível em www.chinesestudies.tripod.com/poetics/yueji.pdf

Devemos lembrar que, na China, o bom governo era equiparado ao funcionamento equilibrado de todos os fenômenos, e não considerado somente um assunto de índole política. Tampouco devemos interpretar o texto anterior sob um ponto de vista estético, já que:

Os antigos reis, ao instituir os ritos e a música, não procuravam que eles satisfizessem os apetites dos ouvidos e dos olhos; sua intenção era ensinar ao povo a regular seus gostos e desgostos e devolvê-los ao curso normal da humanidade [ao seu dao] (CONFÚCIO, Yue Ji).

Assim, a música tem significado primordial e quase ontológico, já que:

A música representa a harmonia entre o céu e a terra; os ritos representam a ordem do céu e da terra. Dessa harmonia se originam as transformações de todos os processos; dessa ordem se originam as diferenças entre todos os processos. A música se origina no céu; os ritos usam as limitações da terra (CONFÚCIO, Yue Ji).

Desse modo, a música é uma analogia da harmonia que subjaz nas constantes transformações pelas quais os processos que formam a realidade com que lidamos interagem entre si e se transformam ao longo do tempo.

Por outro lado, na China, o grande paradigma fundador não foi o Fixo e Eterno, foi a água a encarregada de representar o grande modelo de todas as coisas. O Dao De Jing (Tao Te Ching), atribuído ao sábio taoísta Laozi, diz:

O bem supremo é como a água que, beneficiando todos os processos sem competir com eles, se estabelece no lugar de onde a maioria dos homens se afasta, mas, por isso, está próxima ao Dao [o grande processo que agrupa todos os processos] (cap. VIII). Uma imagem do Dao no mundo: um arroio se deslocando para o rio e o mar (cap. XXXII). (Lao-tzé, 1997) ⁷

⁷ Exceto quando mencionado diferentemente, os parágrafos do Dao De Jing de Laozi (ou Lao-tsé) correspondem ao texto chinês da edição bilingüe da Ed. Mandruvá, SP e foram traduzidos por este autor.

Sob o céu, nada mais suave e mole do que a água, nada a supera no combate ao rígido e forte porque nada pode modificá-la. A fraqueza vence a força, a suavidade vence a dureza (cap. LXXVIII). (Lao-tzé, 1997, trad. Sproviero)

Assim, a característica fluida e flexível da água, tanto no espaço quanto no tempo, converte-se no modelo do mundo. Por isso, a tradução mais apropriada de Dao (Tao), o grande processo total, é o “curso total das coisas”.

No pensamento chinês, o mundo não está formado por coisas (com substância, essência, eternidade), ele se manifesta em processos (que se caracterizam por mutabilidade, transitoriedade, duração). O Dao De Jing diz:

*O dao se manifesta no que há
O que há se manifesta em polaridades
As polaridades se manifestam em processos
Os processos se manifestam em formas múltiplas
As formas se estabilizam pela interação dinâmica
dessas polaridades (cap. XLII) (Lao-tzé, 1997).*

Nessa visão, podemos afirmar que a estabilidade das coisas é um estado temporário e aparente, porque, inevitavelmente, elas continuarão sua evolução através do processo natural de geração, maturação, decadência e extinção.

Resumindo, na China, a música não é algo dedicado ao prazer, ela influencia os sentimentos dos homens e, através deles, suas ações, que, por sua vez, produzem mudanças concretas no mundo externo. Assim, após ouvir a Nona de Beethoven, não somos mais os mesmos, e, não sendo os mesmos, influenciaremos o mundo a nosso redor de forma diferente do que teríamos feito se não tivéssemos ouvido a sinfonia. Estamos assim inseridos no poder primordial e transformador da música. O processo que chamamos música interagiu com o processo que chamamos eu e o modificou, e, através dele, modificou todos os outros processos com os quais estou interagindo.⁸ É claro que o poder transformador da música não é *em si*. Uma pedra não é capaz de reagir à música,⁹

⁸ A relação de causa e efeito não precisa ficar bem determinada. Por exemplo, choro ao ouvir a sinfonia e essa emoção afeta uma pessoa totalmente desconhecida que testemunha o fato. Sensibilizada por isso, ela acaba sendo estimulada a reatar uma relação amorosa que estava terminando. Como se diz na meteorologia: “O bater das asas de uma borboleta no Pacífico Sul acaba provocando uma tormenta no Atlântico Norte”.

⁹ Apesar disso, dependendo da intensidade do som e de sua frequência, a música poderia destruir a pedra.

é necessário o fenômeno humano para ser o veículo intermediário desse poder, mas isso nada mais é do que um exemplo da permanente interação entre os fenômenos. Os chineses veriam no paroxismo sonoro-visual-emocional da Nona a ação harmônica de 200 indivíduos consolidando um equilíbrio, tal como o fazem o céu e a terra ao produzirem a totalidade dos fenômenos.

Assim como para a Nona, que não **existe**, **acontece**, que não tem **essência** por ser **processo**, isso vale para **tudo** o que forma este universo,¹⁰ o resto é conversa conformista (universais *versus* particulares, *essência versus* aparência, verdade *versus* opinião etc.), já que, se as coisas **fossem** eternamente, não haveria mudança possível e não teríamos responsabilidade sobre coisa alguma. Alguém lembra de Osíris? Houve épocas nas quais o mundo se explicava a partir de seu renascimento do reino dos mortos e pessoas atingiam o êxtase ao participar de seus ritos. Podemos parodiar ao filósofo Richard Rorty (1997, p.40) e perguntar: “Como podemos saber qual será o efeito de nossos discursos em uma audiência futura, se não sabemos o que não sabemos?”. É triste pensar que aquilo que tanto valorizamos possa algum dia perder esse valor ou, pior ainda, ser tratado com escárnio ou zombaria, mas assim são as coisas. A alternativa é a soberba de imaginar que atingimos o pináculo do desenvolvimento e que 13 bilhões de anos de idade do universo só se justificam por terem produzido esses bípedes que habitam no terceiro planeta do sol (uma dos bilhões de estrelas da Via Láctea, por sua vez, uma dos bilhões de galáxias do universo conhecido)¹¹ e que, em toda a história futura desse universo, nada mais de importante acontecerá. Essa bravata patética só é justificável por nosso medo de encarar a realidade de nossa insignificância.

¹⁰ O universo nada mais é do que uma dança imensa de partículas subatômicas interagindo entre si e da qual ignoramos muito mais do que sabemos.

¹¹ Esse universo, conforme a teoria física das cordas, nada mais é do que um de um número infinito de universos. Parece puro esoterismo, mas essa teoria está firmemente sustentada por essa outra coqueluche da filosofia ocidental: as matemáticas, consideradas o fundamento final da ciência e da lógica. Um pequeno contratempo: a manifestação dessas cordas no mundo real é algo que está sendo extremamente difícil de verificar, apesar do grande número de físicos dedicados a sua procura. Como disse Shakespeare (1979, p.1871): “Há mais coisas entre o céu e a terra do que a nossa vã filosofia pensa”.



Figura 2

Kuncan (1612-1673): Montanhas e bosques ao entardecer

Na China, repetimos, o homem é visto como mais um processo inserido no grande processo, o Dao. Por isso, a arte chinesa representa a homem e suas obras em tamanhos muito pequenos em relação à paisagem de fundo (observe, na Figura 2, o homem carregando um peso na parte inferior e os pavilhões no terço inferior da pintura). Apesar de sermos um processo dentro de outros,

essa visão coloca uma responsabilidade pessoal no rumo que as coisas tomarão e, em lugar de ficar aguardando passivamente o cumprimento de meu destino, recebo um chamado à ação para me inserir mais adequadamente nesse grande processo total.

Cabe perguntar que características tem esse processo que chamamos “eu”. Zhuangzi (369? a.C., 286? a.C.) pergunta-se:

As cem articulações, as nove aberturas, os seis órgãos, se agrupam e existem aqui [no meu corpo]. Com qual delas devo me sentir mais próximo? Devo favorecer a todas elas? Mas, deveria haver uma à qual favorecer mais, porque, caso contrário, será que todas são servas? Mas, se todas são servas, como mantêm uma ordem entre elas? Ou será que se alternam na função de regente e servo? Pareceria que deveria haver um verdadeiro regente entre elas, [mas não podemos achá-lo com facilidade. Só percebemos que] há reações e emoções e não formas, [ou seja, há reações aos processos externos, mas não formas concretas e constantes] (ZHUANGZI, 1995, p.20 et seq.).¹²

As reações e emoções são percebidas em nosso coração-mente (um único órgão para os chineses), candidato óbvio ao cargo de regente, mas existem outros órgãos que influem em nossas escolhas de conduta: os olhos, o estômago, as gônadas etc. Então, com qual deles devo me identificar? Continua Zhuangzi dizendo (em negrito suas palavras): “**Qual deles deve nos governar? A mente, que muda e envelhece**” como qualquer outro órgão? Estamos vivos, num processo de constante decaimento e, por mais que a mente pretenda nos governar com sua razão, ela mesma “**está submetida a esse deterioro paulatino**”. Como poderia ser nosso guia final? A partir de que momento deveríamos aceitar que ela deixou de nos guiar eficientemente? É necessário um diagnóstico formal de arteriosclerose para isso? A terceira idade tem um momento certo para começar? Zhuangzi enfatiza: “**Os tontos e imbecis também têm mentes que os guiam**”, então, será que eles estão corretos? Portanto, é evidente que a própria mente segue regras que se lhe impõem. Ela também tem algum “**regente**” que a governa.

¹² Os textos do Zhuangzi aqui apresentados foram traduzidos da versão chinesa da Editora Popular de Guizhou, China.

Devemos destacar que *regente* não pode receber uma leitura ocidental e deduzir que Zhuangzi postula algo transcendente (Divindade? Razão? Destino? História?) que nos controla. O que ele não consegue encontrar é que alguma das partes que formam o processo que chamo “eu” assuma função de controle permanente sobre as outras, já que “meu” corpo é um fenômeno composto por múltiplas partes dinamicamente interligadas. Aliás, numa linguagem mais moderna, e descendo ao nível bioquímico, ele é um complexo de atividades químicas interagindo entre si, atividades que, pelo que sabemos até agora, são guiadas por: 1) os códigos registrados no “meu” ADN, que coordenam a produção das proteínas que estão na base de todas essas atividades;¹³ 2) a influência de fatores externos (alimentação, meio ambiente, vínculos sociais); e 3) a presença no “meu” corpo de bactérias, vírus etc., organismos que não posso, a rigor, chamar de partes minhas, mas sem alguns dos quais eu nem poderia viver (a flora intestinal, por exemplo).¹⁴ Então, o que posso dizer da maçã que vou comer amanhã? O que dizer do rio que recolheu a maçã que comi ontem?

¹³Proteínas formadas por átomos que se originaram no interior de estrelas e que foram espalhados pelo universo quando elas explodiram, formando gases que se concentraram no que agora é o sol e seus planetas até formar o que chamo “meu” corpo, e que serão novamente espalhados quando o sol explodir.

¹⁴Sérgio Danilo Pena, professor titular do Departamento de Bioquímica e Imunologia da Universidade Federal de Minas Gerais escreve (UOL, 2007):

Nós, humanos, iniciamos nossa vida na concepção com uma única célula, o zigoto, produzido pela união de um óvulo e um espermatozóide. Através de um processo maravilhoso de multiplicação e diferenciação celular, esse zigoto dá origem a 10 trilhões de células de mais de uma centena de tipos variados no adulto. [...] Mas] o corpo humano na verdade contém 100 trilhões de células, e não meros 10 trilhões. Acontece que 90% das células de nosso corpo são microrganismos que vivem simbioticamente em nosso intestino, estômago, boca, nariz, garganta, aparelho respiratório e sistema geniturinário. As bactérias que constituem essa microbiota derivam seus nutrientes de nós, mas pagam pela hospedagem, encarregando-se de várias tarefas essenciais para nossa saúde, como a proteção contra patógenos e a conversão metabólica de nutrientes. Não quero induzir os leitores a uma crise de identidade, mas nosso corpo é de fato mais microbiano do que humano. Ele constitui um verdadeiro sistema ecológico com grande biodiversidade, um superorganismo. A visão do corpo humano como um superorganismo pode nos permitir ver saúde e doença em termos de equilíbrio ou desequilíbrio ecológico. Sabemos que os microrganismos sintetizam vitaminas essenciais para o nosso metabolismo e possibilitam a digestão de alguns nutrientes. Não temos, por exemplo, a maquinaria química necessária para quebrar totalmente a celulose das plantas em seus constituintes elementares, mas as bactérias nos fornecem enzimas chaves desse processo, como a celobiase. Além disso, a nossa microbiota ocupa nichos ecológicos no nosso corpo que poderiam ser colonizados por patógenos.

Quando posso dizer que são ou deixaram de ser partes do meu “eu”? Só quando ocupam o mesmo volume físico? Quando nasci, pesava 3,5kg e agora 80kg: esses 76,5kg vieram de onde? Estavam “destinados” a mim ou se incorporaram como parte de um processo em andamento? Onde e quando “eu” começo e onde e quando “eu” acabo? O cabelo que acabo de cortar: não é o mesmo de que “eu” cuidei com tanto esmero? Quando estou depressivo, é meu espírito que está atormentado ou é o nível de serotonina em meu sangue que está baixo? Nessa situação, o que é melhor fazer: rezar ou praticar exercícios físicos? Quando era criança, não tinha conhecimentos nem crenças espirituais. Agora, anos depois, já passei por várias crenças e adquiri e rejeitei muitos conhecimentos. Com quais dessas crenças e conhecimentos devo identificar agora meu espírito? Com as últimas? Com as mais fortes? Com as próximas? Será que meu caminho pela frente se esgotou, porque o aprendizado acabou e não vou incorporar nada novo? Será que devo aceitar que meu espírito (seja isso o que for), também, não é, está sendo?

Todos os mencionados fenômenos são individuais e seguem suas próprias regras, sem que “eu” interfira nelas. Nesse complexo de partes integradas que chamo “eu”, existe alguma que deva preferir sobre outra? Em resumo, tenho uma essência que me define ou sou um processo de múltiplas partes interligadas que fogem ao “meu” controle? Então, de nada me serve perguntar “o que sou”, a pergunta certa é: “o que fazer com isso?”.

Em resumo, no Ocidente, as coisas “são”, na China “estão sendo”.¹⁵

Ovelhas não são plantas

O grande paradigma ocidental é o pastoril (hebreus, árabes e gregos foram povos pastores nômades). Nesse modelo, as ovelhas são consideradas incapazes de se virar sozinhas, requerem a guia permanente de um pastor que delas cuide, que as conduza a lugares onde possam se alimentar, que saiba o que é bom e o que é ruim para elas e que, eventualmente, utilize a força bruta dos cachorros para enquadrar as ovelhas negras do rebanho.

¹⁵ Observar que essa frase não é fácil de expressar em grego ou alemão, únicas línguas na qual se poderia filosofar, conforme o pouco humilde Heidegger, nem em inglês ou francês, línguas nas quais se faz muita filosofia. Só o espanhol e o português dispõem do verbo “estar”, o que facilita (ou deveria facilitar) a compreensão filosófica dos processos e evita a extrema dependência do verbo SER (*to be, être, einai, zu* etc.), que nessas línguas significa, de forma emaranhada, tanto “ser” quanto “estar” e “existir”. O mais próximo, seria a forma inglesa *I am being*, literalmente “sou sendo”. Por oportuno, devemos lembrar que a língua chinesa não possui o verbo “ser”, para ela, as coisas “estão” ou “existem”.



Figura 3

Alcozar: Pastor guiando o rebanho

Por outro lado, o pastor é quem avança na frente do rebanho, porque seu cajado é o único que pode indicar o caminho certo e suas motivações ficam sempre fora do alcance da pequena compreensão ovina, inclusive se as escolhe para vítimas de algum sacrifício propiciatório, substitutivo ou simplesmente probatório (vide Abrão, Jó etc.). Assim, as ovelhas, como todos os fenômenos, seguem princípios que transcendem sua natureza física e estão, portanto, acima das idéias e conhecimentos ordinários... das ovelhas.

Seja o povo hebreu escolhido, o rebanho cristão do Bom Pastor ou a Hummah islâmica, o paradigma é o mesmo: só o Divino que nos transcende é capaz de assumir a responsabilidade por nossas vidas e, como indivíduos, só estamos capacitados a seguir as ordens e orientações dos textos sagrados, únicos habilitados a responder nossas dúvidas e questionamentos. Isso gera dependência com relação ao pastor, da qual não conseguimos, nem devemos, nos afastar e ênfase na fé, como meio de acesso à harmonia com o todo.

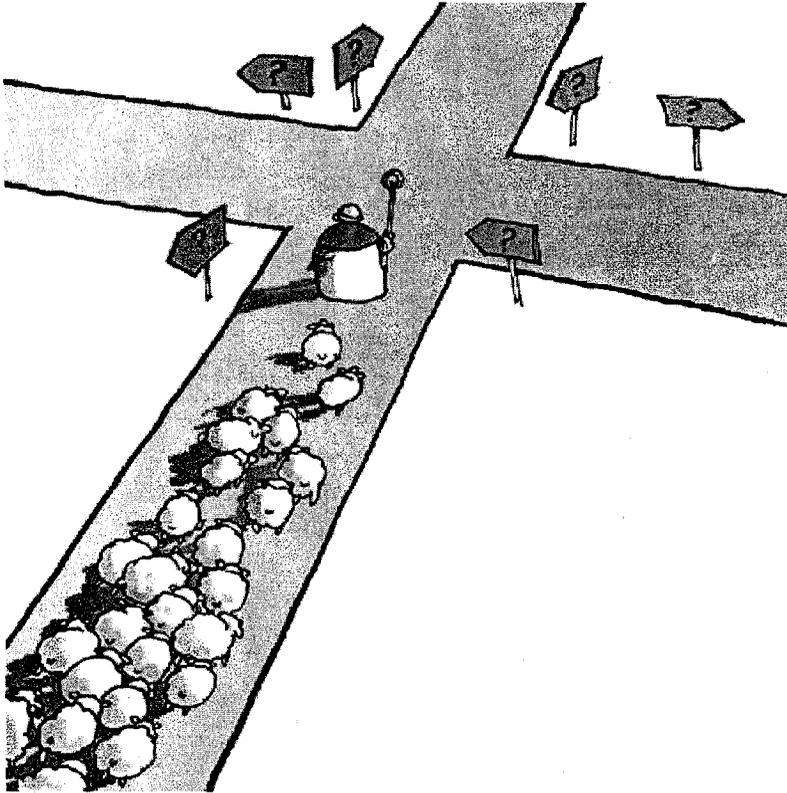


Figura 4

Anônimo: Só o pastor sabe nos guiar

É claro que essas afirmações têm certa conotação retórica, mas a realidade não foge muito disso, apesar dos intentos, feitos por mais de um filósofo de peso, de salvar a idéia da liberdade e do livre arbítrio para os seres humanos com argumentos que, infelizmente, não convenceram os outros filósofos.

Por outro lado, o grande paradigma chinês é o agrícola (a China foi sempre um povo fundamentalmente camponês e sedentário). As plantas crescem sozinhas, cada uma seguindo os princípios próprios de sua espécie no que concerne a tempo de maturação, tamanho alcançado, temperatura e tipo de solo mais apropriado, independentemente de vontade e objetivos do jardineiro. Elas, assim como todos os fenômenos, seguem princípios imanentes, ou seja, que estão inseparavelmente contidos ou implicados neles mesmos.

A função do jardineiro não é fazer crescer, mas facilitar as condições para que os processos sigam cada um seu próprio caminho (seu próprio *dao*). Mengzi (Mêncio) critica com ironia um jardineiro que, para que suas plantas alcancem maior tamanho, estica seus galhos, provocando assim sua morte (JULLIEN, 2006, p. 50). O jardineiro deve adubar o solo, respeitar as épocas de semear e de colher, retirar as ervas daninhas, e, sobre tudo, ter paciência para esperar que os processos se desenvolvam conforme suas características particulares.

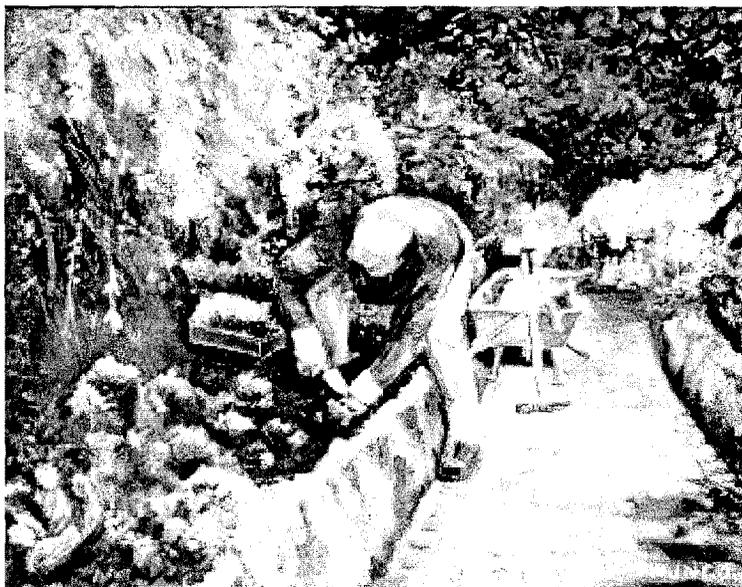


Figura 5
Bonnie Mincu: Jardineiro outonal

Nesse paradigma, a ação do jardineiro só depende de sua compreensão do funcionamento dos processos que o rodeiam e com os que ele deseja se harmonizar, a fim de obter, da forma mais eficiente, os objetivos que ele possa ter se estabelecido, uma vez que tenha compreendido que ele também nada mais é do que um processo integrante do Grande Processo.

À primeira vista, pode parecer que algo tão chinês quanto os bonsais¹⁶ desminta o que foi dito anteriormente sobre a função do jardineiro,

¹⁶ Os chineses inventaram os bonsais, posteriormente adotados e popularizados no Ocidente pelos japoneses.

já que existe neles uma alteração aparente da função natural das plantas, mas o jardineiro só os consegue cultivar tendo bem claras as limitações de suas ações com relação às plantas, contentando-se com alterar as condições nas quais as plantas se desenvolvem e deixando que elas se autolimitem ao vaso menor.



Figura 6

Karsten Schley: O jardineiro suicida

No paradigma chinês, a responsabilidade pelo resultado de nossas ações recai total e exclusivamente em nós mesmos, sem que possamos nos eximir dela, apelando a forças transcendentais. Isso conduz a uma ênfase na compreensão dos fenômenos do mundo, a fim de nos harmonizarmos com eles.

Em resumo, no Ocidente somos ovelhas, na China, jardineiros.

Religião do divino vs. religião do misterioso

Quem criou o universo? Deus, é claro. Quem criou Deus? O Ocidente, profundamente religioso, não consegue responder a isso e se satisfaz com o mistério. Quem criou o universo? A China, também profundamente religiosa, não consegue responder a isso e se satisfaz com o mistério.

Nos dois casos, o homem pára de pensar, encontra um limite. No Ocidente, se coloca nas mãos d'Ele e a religião tem a função de iluminar sua relação com o mistério "Deus". Na China, é dono de sua vida e a religião tem a função de o ajudar a se integrar harmonicamente com o mistério "universo". No primeiro caso, a liberdade do homem deve ser justificada e defendida e o livre arbítrio fundamentado, já que elas não são óbvias quando confrontadas com o poder divino. No segundo, essa liberdade é absoluta, auto-evidente e fonte da responsabilidade individual. No Ocidente há pecados, na China há erros. No Ocidente há castigos pela desobediência, na China, há conseqüências pelas ações erradas. Como resultado, no Ocidente, vamos aos templos para pedir, na China, vai-se aos templos para oferecer.

Uma religião sem um deus é menos valiosa? Lembremos que a palavra religião deriva de *religare*. No entanto, no Ocidente nos religamos com o divino, na China, se religam com o universo. Em ambas situações, reconhecemos que nosso papel é minúsculo com relação àquilo com o que nos religamos.

As duas culturas reconhecem a cadeia de causas e efeitos, só que no Ocidente enfatizamos as causas, porque queremos saber como é que chegamos até aqui (olhamos para trás), na China, enfatizam os efeitos, porque querem saber quais serão os resultados de suas ações (olham para frente). Assim, no Ocidente nos remontamos a uma causa primeira e consideramos que o presente é o resultado de um passado cujo sentido se revela por ter chegado até este presente, visto como o fim que explica o passado (p.ex., numa leitura errada das idéias de Darwin, a evolução teve como objetivo chegar até o homem). Na China, no entanto, consideram o futuro evolução da situação presente, e essa evolução será o resultado da interação de inúmeros processos e, portanto, não está determinada nem garantida.¹⁷ No Ocidente, o passado teve como destino o presente, na China, o futuro se abre de forma imprevisível a partir do presente.¹⁸

¹⁷ Será que um asteróide está em rota de colisão com a Terra e nos atingirá no século XXII, como já aconteceu diversas vezes no passado? Improvável, mas não impossível. O que acontecerá, nesse caso, com nossa orgulhosa civilização? Obviamente, em lugar de pedir ao Criador que não destrua sua Criação devemos dedicar nossas energias a um sistema de detecção e desvio de asteróides (que, na realidade, já está funcionando de forma incipiente).

¹⁸ Isso vale apesar de que um dos livros fundamentais da China é o *Yi Jing* (I Ching ou Zhou Yi) que, de alguma forma, permite prognosticar a evolução mais provável dos fenômenos, o que no Ocidente chamáramos de "oráculo". Mas, como e por que funciona, já é outra história, como diria Kipling.

Resumindo, para o Ocidente o universo foi criado para chegar ao que agora é. Somos o fim, o objetivo e a culminação dessa criação e, portanto, donos dela. Dominados por essa soberba, não percebemos que, pensando assim, tudo o que fizemos foram “contas de chegar”, sejam para fins que consideramos óbvios e não questionamos tanto quanto para valores que elegemos como superiores, sem considerar que a experiência não dá mostras de sua existência real (Faz quanto tempo que defendemos que o homem é bom, para sermos constantemente contraditos pela realidade?). Para a China, o universo é um grande processo constantemente em evolução, sem objetivo determinado e avançando de forma tal que maximiza a harmonia entre suas partes. Orientados por essa humildade, percebem que são lances nesse processo, momentos intermediários entre dois mistérios, entre um passado e um futuro.¹⁹

A soberba ocidental nos leva a pretender conhecer Deus, a humildade chinesa os leva a aceitar o mistério do universo. No Ocidente o homem se eleva para experimentar o sagrado numa comunhão com o divino. Na China, o Imperador desce para oferecer sacrifícios, colocando-se em comunhão com a natureza para produzir boas colheitas.

Como foi mencionado, o caminho entre a China e o Ocidente tinha de atravessar antigamente as estepes da Ásia Central, o que praticamente eliminou a comunicação e inseminação mútua, mas isso está mudando aos poucos porque, além de a tecnologia facilitar os contatos, uma nova rota foi aberta e o continente americano é a ponte entre essas duas culturas. Por exemplo, e retomando a discussão sobre como considerar a causalidade, John Dewey (2000, p.81), citando a James, define o pragmatismo como sendo a posição filosófica representada pela atitude de “[...] afastar a vista das coisas primeiras, os princípios, as categorias, as pretensas necessidades, e olhar na direção das coisas últimas, os frutos, as conseqüências, os fatos”.

Essa afirmação seria perfeitamente compreensível para um filósofo chinês do período clássico. Assim, a filosofia americana está iniciando um processo de síntese no qual James, Dewey e Rorty entoam uma fuga a várias vozes junto com Confúcio, Mêncio, Laozi e Zhuangzi.

¹⁹ Devemos destacar que o Ocidente, quando descobre a ecologia, está acordando para essa relação complexa entre todos os processos, presente no pensamento chinês desde seus primórdios.

Conhecer sobre vs saber como

No Ocidente, partimos de uma base para nós óbvia: somos “sujeitos” que observam “objetos” dos quais estamos separados de forma fundamental e definitiva, até porque nos ensinaram que o *logos* foi algo que precedeu a criação. Dissociamos assim um mundo espiritual, mental, racional, caracterizado pelo discurso, de um mundo material, caracterizado pela ação e os objetos, e denominamos conhecimento àquilo que estabelece uma ponte entre eles. Dessa forma, já que definimos conhecer como saber sobre (algo), confundimos sabedoria com acúmulo de informações. Como consequência, valorizamos a teoria e desdenhamos a prática, já que a primeira trata daquilo que consideramos mais nobre, porque antecedeu o mundo manifesto, no entanto, a segunda nada mais é do que mexer com o mundo dos objetos, ficando contaminados por eles.

Para complicar mais as coisas, além disso temos de lidar com a emoção, que é uma espécie de prima pobre da razão, porque, apesar de ser mental, é originada pela interação com o mundo dos objetos. Isso nos leva a valorizar o intelecto e desprezar os sentidos, a preferir o racional quando comparado com o emocional. Em resumo, o homem é visto como dividido em dois e, portanto, um pouco esquizóide, já que separamos o pensamento da ação, criando um conflito permanente para integrar esses dois aspectos de nossa vida: a pureza do pensar com o desprezo pelas paixões e pela prática. O discurso, que antecede a ação, como o pensamento de Deus antecedeu sua ação criadora, é considerado uma recomendação das ações a ser efetuadas, só que, ancorado como está no campo do mental, não tem eficiência para guiar nossas condutas, afetadas pela ação do emocional e do material.

Essa dicotomia não existe na China, porque os chineses consideram que pensar e sentir acontecem num único órgão do homem, o 心 *xin*, que só pode ser traduzido por coração-mente, já que agrupa o que para nós é separado de forma intrínseca. O fenômeno “eu” interage com os outros fenômenos e seu coração-mente reage com 情 *qing*, emoções, que nada mais são do que o resultado dessa interação e, portanto, capazes de carregar informações sobre os outros fenômenos.

O sábio observa essas emoções, deduz a partir delas algumas das características dos fenômenos com os quais está se relacionando e, considerando suas tendências pessoais, define o discurso que vai guiar sua ação.

Esse discurso, que não pode se separar da ação empreendida, constitui seu 道 *dào* pessoal e terá sucesso ou será considerado moralmente válido se tende a se harmonizar com o discurso que descreve o funcionamento do processo total, o *Dào* (o D maiúsculo só diferencia os dois níveis de discurso, mas não estabelece uma diferença fundamental entre eles, já que os dois se referem a fatos).

A ação, resultado de interação entre o homem e suas circunstâncias, é o fato fundamental, já que o discurso é meramente descritivo. Noutras palavras, o discurso que guia a conduta não pode ser separado da ação concreta que implementa essa conduta, de onde sabedoria é equivalente a saber fazer. Dessa forma, o peculiar do pensamento chinês é que esse saber fazer não deve ser atrapalhado pelo racional, ou seja, não deve ser pensado, deve ser intuitivo. O ideal de sabedoria se aproxima muito mais de saber amarrar os cadarços dos sapatos do que formular uma teoria sobre o andamento do universo. Assim, o sábio chinês se integra aos fenômenos com os quais tem de interagir, em lugar de se distanciar para observá-los friamente, como faria um ocidental. Não pode haver objetividade numa visão de mundo em que tudo se relaciona com tudo e tudo afeta o todo, formando uma continuidade.

Essa prioridade da ação com relação ao discurso não é exclusiva dos sábios chineses: um músico, executando seu instrumento, não pensa no que está fazendo, deixa-se levar por suas emoções e intuições. Um trapezista não pensa no que está fazendo, deixa-se levar pelo automatismo de anos de prática. Todos eles, no entanto, executam com perfeição suas atividades, além de, caso necessário, ser capazes de emitir discursos sofisticados sobre suas ações. Goethe disse:

Como podemos nos conhecer a nós mesmos? Nunca através da contemplação, mas através da ação. Tenta cumprir com teu dever e imediatamente saberás que é o que há em ti. Mas, qual é teu dever? As exigências de cada dia (citado por RUAÑO apud SALAS e MARTÍN, 2005, p.62).

“O mundo foi criado em seis dias”: esse modelo impulsiona o Ocidente, como uma cenoura na frente do burro, para uma ação constante visando a objetivos que achamos ser claros. “O mundo está em constante transformação”: esse modelo faz com que a China deixe que as coisas sigam seus caminhos próprios.

Isso não significa inação, já que eles podem modificar as condições para obter, mais ou menos, o que almejam, significa que o intelecto não assume o controle dos atos, eles se efetuam sem pensar. Como se consegue? Com longa prática.

Democracia, o que é mesmo democracia?

A democracia (governo do povo) foi inventada numa cidade onde só os ricos e donos de escravos eram cidadãos e podiam opinar, e foi institucionalizada num país onde os líderes eram ricos e donos de escravos e podiam votar. Hoje, quando alguém que não teve um voto sequer pode ser senador ou quem teve 0,24% do total de votos pode ser presidente do congresso nacional e colocar o país na berlinda durante quase um ano, será que avançamos alguma coisa?

Enchemos a boca com as “vantagens” da democracia, mas estudos modernos, utilizando técnicas de mapeamento cerebral, mostram que os eleitores agem mais em função da amígdala cerebral (que processa nossas emoções, principalmente o medo) do que com o córtex (que processa nossa razão) (BEGLEY, 2007, p. 14). Assim, o medo nos empurra a uma ação imediata orientada a nossa própria sobrevivência e se sobrepõe a qualquer racionalização, que, como disse Hume, é lenta demais para ser eficiente. Em resumo, agimos mais pela emoção do que pela razão, malgrado os esforços dos filósofos para nos convencer do contrário, mas é um fato muito bem aproveitado pelos estrategistas das campanhas eleitorais.²⁰

Como são as coisas na China? Novamente, o Ocidente coloca-se no papel condescendente próprio da Europa do século XIX com relação ao *bom selvagem*, e julgamos se tratar de tirania insuportável e indefensável. Para entender mais bem os fundamentos do sistema político chinês, podemos nos remontar a Mengzi (Mêncio, 370a.C-289a.C.), que disse:

[...] o príncipe não deve se afastar de seu povo mas “compartilhar” com ele; em lugar de viver às expensas dos outros, fazer comuns as riquezas;

²⁰ Na história recente do Brasil, esse fato foi muito bem utilizado por Collor contra Lula, ao colocar publicamente a existência de uma filha ilegítima desse último e ao utilizar o medo do caos social que o seqüestro de Abílio Diniz podia instalar no país.

*em lugar de procurar o prazer próprio, “se com-
prazer com as alegrias de seu povo, bem como se
preocupar com seus problemas” [e, em reciprocidade,
o povo não deixará de tomar parte na sua
felicidade e nas suas penas] (JULLIEN, 1997, p.95).*

Suas opiniões continuam aplicáveis ao momento atual, e com elas podemos formular os seguintes comentários (em negrito as palavras de Mêncio *apud* JULLIEN, 1997, p. 159 et seq.).

“O fundamento do poder do príncipe é o Céu” (que, novamente, não é Deus, mas a ordem natural a qual todas as coisas seguem). O céu forma uma dualidade com a **“Terra”**, que é onde as coisas se materializam e, portanto, **“o campo de ação do príncipe”**.

Como o céu é a autoridade final, o príncipe, dentre outras coisas, não nomeia seu sucessor, ele só propõe seu candidato para que o céu o aceite, mas, como o céu **“não fala”**, seu consentimento se traduz, nos fatos, pela aprovação do povo. Se quem é considerado herdeiro preside os sacrifícios e eles são favoravelmente acolhidos, se ele conduz os assuntos e o povo encontra a paz, é indicação de que o céu o designou efetivamente (porque todas as coisas funcionam harmonicamente). Mas, destaca, **“o Céu vê a partir do que meu povo vê – o Céu ouve a partir do que meu povo ouviu”**. Isso significa que o céu, grande integrador de todos os processos inter-relacionados, inclui a opinião do povo com relação a seus governantes e é fortemente influenciado por ela. Assim, o primeiro-ministro Zhu Rongji (1998-2003) disse:

Devemos praticar a democracia e, corajosamente, conduzir aos novos órgãos de liderança aqueles que sejam publicamente reconhecidos pela população pela sua persistência e suas realizações políticas no processo de execução da reforma e da abertura” (grifo nosso).

Assim, hoje o **consenso** se dá através de assembleias populares que escolhem delegados para o nível imediatamente superior: de bairro e sindicatos, de cidade, de província e, finalmente, federais. Como complemento, é essencial que os governantes chineses se apresentem humildes e simples para não se distanciar do povo.

Em resumo, se as coisas “funcionam bem” é porque os governantes merecem governar e, se as coisas “não funcionam bem”, hoje como ontem, é indicação de que o céu retirou seu mandato para que o líder governe, e sua troca é justificada.²¹

Depois dessa rápida olhada no sistema chinês, podemos retornar o nosso e nos perguntar:

- Churchill disse: “**A democracia não é perfeita, mas até hoje ninguém inventou nada melhor**”. Será mesmo? Ela só parece funcionar em poucos países do mundo, como Inglaterra e Suíça. E no resto?

- Reeleger Maluf, Jáder Barbalho *et al.* é democracia ou hipocrisia?

- O Renan Calheiros foi eleito por 253.000 pessoas em seu Estado das Alagoas. Qual é sua autoridade para enfiar o Brasil todo na bagunça na qual nos colocou?

- Bush mentiu abertamente a um país que, além de inventar a democracia moderna, se supõe apreciar a sinceridade e rejeitar a hipocrisia?²² Por que continua presidente se o povo americano está contra ele?

- Os conchavos da cúpula chinesa são muito diferentes dos que existem no congresso de qualquer democracia?

- Votar a cada quatro ou cinco anos, influenciados por campanhas políticas organizadas por profissionais, é suficiente para dizer que participamos dos destinos de nossos países?

- A OAB está pedindo para instituir o *recall* dos políticos, ou seja, cancelar o mandato de eleitos se sua atuação não satisfizer o povo. Isso não é uma institucionalização do **consenso**?

Voltando à China de hoje e resumindo sua organização política:

- A China está vivendo sob uma nova dinastia imperial, a do Partido Comunista, não diferente dos Ming, Qing ou Tang.

- O presidente equivale ao imperador e os membros do Partido Comunista se assemelham aos mandarins burocratas.

- A legalidade do governo se instala sobre um consenso geral de que as coisas estão funcionando.

²¹ Não devemos esquecer que até o semidivino Mao Zedong (Mao Tse Tung) foi afastado quando as coisas começaram a desabar sob seu governo.

²² Lembremos que Nixon teve de renunciar por ter mentido sobre Watergate e Clinton quase foi destituído por ter mentido sobre suas relações com Mônica Lewinsky. E as armas iraquianas de destruição em massa de Bush, onde estão?

- Os chineses aceitam o poder do Estado de forma natural, delegando ao príncipe, conquanto as coisas funcionem bem, a responsabilidade de ditar as normas necessárias para um desempenho harmônico da sociedade.
- Os chineses foram sempre um povo muito numeroso e, portanto, são conscientes da necessidade de existir restrições a sua liberdade. Como ouvi de um chinês: “Se todos os 1,3 bilhões de pessoas fizessem o que quisessem, o país seria uma bagunça”.

Resumo dos dois paradigmas

Existem outros conceitos não pensados nas duas culturas que poderiam se iluminar mutuamente, mas estaríamos nos estendendo. O quadro a seguir menciona alguns deles, assim como serve de resumo de o que foi tratado neste artigo.

Quadro 2

Resumos dos paradigmas

PARADIGMA OCIDENTAL SIMPLIFICADO	PARADIGMA CHINÊS SIMPLIFICADO
Pastores nômades O pastor deve GUIAR as ovelhas, que não saberiam sobreviver sem ele, ficando NA FRENTE, indicando o objetivo.	Camponeses sedentários O camponês deve AJUDAR as plantas, que crescem sozinhas, ficando NA RETAGUARDA, amparando as retardatárias.
Estamos lançados num mundo externo a nós, criado pela vontade de outrem, e onde temos um papel especial.	Estão lançados num mundo que evolui sozinho, seguindo suas próprias leis, e do qual só são, mal e porcamente, uma das partes.
O herói, divino ou em contato direto com a divindade e falando em seu nome, sofre por nós para nos salvar.	O herói, um homem como eles, aprende por si só e lhes ensina como viver equilibradamente.
A redenção se dá fora deste mundo, através da intervenção de um agente externo a nós.	A libertação se dá neste mundo, só precisam de um modelo a seguir.
Nossos sofrimentos são provas que devemos superar para mostrar que somos dignos dessa salvação.	Seus sofrimentos são resultado de sua ignorância.

Recebemos instruções externas sobre como agir para nos salvar da dor.	Devem aprender internamente como agir para se libertar da dor.
Sofremos porque não somos capazes de implementar o bem e cedemos ao mal.	Sofrem porque não conseguem se integrar com o andamento do todo.
Para resolver os desequilíbrios internos devemos olhar fora de nós.	Para resolver os desequilíbrios externos devem olhar dentro de eles.
Devemos ENTENDER o mundo no qual estamos inseridos. Pensar tem valor EXPLICATIVO.	Devem se HARMONIZAR com o mundo no qual estão inseridos. Pensar tem valor TERAPÊUTICO.
Devemos acreditar. Valorizamos a FÉ.	Devem atuar. Valorizam o SABER FAZER.
Lei de causa e efeito ocidental: "Todo efeito tem uma causa" - utilizada para justificar Deus, - há um objetivo-fim-modelo ao qual tudo tende.	Lei de causa e efeito chinesa: "Toda causa tem conseqüências" - utilizada para regular a conduta, - só podem falar das condições necessárias para tentar alcançar algo.
Focalizados nas causas, prezamos a eficácia: "virtude ou poder de (uma causa) produzir determinado efeito".	Focalizados nas conseqüências, prezam a eficiência: "virtude ou característica de (uma pessoa, um maquinismo, uma técnica, um empreendimento etc.) conseguir o melhor rendimento com o mínimo de erros e de dispêndio de energia, tempo, dinheiro ou meios".
Quem fez o mundo? Deus! Quem fez Deus? Sozinho, é claro! Ele é! Detemo-nos ante o divino.	Quem fez o mundo? Sozinho, é claro! Ele é! Detêm-se ante o misterioso.
A religião antecede a filosofia, que a explica.	A filosofia antecede à religião, que a deturpa.
Exaltamos a TRANSCENDÊNCIA. Somos IDEALISTAS.	Exaltam a IMANÊNCIA. São PRAGMÁTICOS.

Considerações finais

- A China nos ensina que tudo é fluxo e refluxo, sábio é quem os reconhece e se adapta às características do momento presente.
- Aproveitemo-nos do OUTRO para melhorar o NOSSO, já que somente olhando do ponto de vista do OUTRO poderemos ver com objetividade o COMO somos, o nosso jeito de ser, já que o olhar de DENTRO é parcial, confuso e autocomplacente.

- Temos de ter muito cuidado com os fundamentos de nosso pensar. Isso nos permitirá diminuir as armadilhas decorrentes de não avaliá-los adequadamente e aceitá-los sem críticas.
- Temos de estar abertos ao novo e ao diferente, únicas fontes refrescantes em nossa marcha de um mistério na direção de outro mistério.

Referências bibliográficas

Figuras

Figura 1: Pintor de Sósias, 500 a.C.; *Aquiles enfaixa o braço de Pátroclo*. Staatliche Museen Antikensammlung, Berlim, [disponível na Internet, 2008]

Figura 2: Kuncan (1612-1673); *Montanhas e bosques ao entardecer*. The Metropolitan Museum of Art. [disponível na Internet, 2008]

Figura 3: Alcozar; *Pastor guiando o rebanho*. Disponível em: <alcozar.net/etnografia/pastorovejas01.jpg>. Acesso em: 21 dez. 2007.

Figura 4: Autor desconhecido; *Só o pastor sabe nos guiar*. Disponível em: <Panquecas2.blogspot.com>. Acesso em: 21 dez. 2007.

Figura 5: Mincu, Bonnie; *Jardineiro outonal*. Disponível em: <mincstudio.com/landscapes> Acesso em: 18 dez. 2007.

Figura 6; Schley, Karsten; *O jardineiro suicida*. Disponível em: <wingtv.net/issue5/gardener.jpg>. Acesso em: 18 dez. 2007.

Textos citados

BEGLEY, S. *How our unconscious votes*. Newsweek, 24/12/2007 p.14

CONFÚCIO. *Yue Ji, o Livro da Música*. Texto chinês disponível em www.chinesestudies.tripod.com/poetics/yueji.pdf

DEWEY, J. *La miseria de la epistemologia*. Madrid: Biblioteca Nova, 2000.

JULLIEN, F. *Fundar la moral: diálogo de Mencio con un filósofo de la ilustración*. Madrid: Taurus, 1997.

JULLIEN, F. *Conferencia sobre la eficacia*. Buenos Aires: Katz, 2006.

LAO-TSÉ. *Escritos do Curso e Sua Virtude (Tao Te Ching)*; Mário Bruno Sproviero (trad.). São Paulo: Editora Mandruvá, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Textos estéticos*. São Paulo: Editora Abril, Coleção Os Pensadores, vol. XLI, 1975

RORTY, R. *¿Esperanza o conocimiento? Una introducción al pragmatismo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997.

SALAS, J. e MARTÍN, F. *Aproximaciones a la obra de William James: la formulación del pragmatismo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2005.

SHAKESPEARE, W. *The complete works*. New York: Gramercy Books, 1979.

ZHUANGZI 莊子. 贵州人民出版社 Guizhou Renmin Chubanshe, (Editora Popular de Guizhou), China, 1995.

Bibliografia recomendada

CHAN, A. K. L. *Two visions of the way: a study of the Wang Pi and the Ho-Shang Kung commentaries on the Lao-tzu*. State University of New York Press, 1991.

CHAN, W.-T. *A source book in Chinese Philosophy*. Princenton University Press, 1973.

CHU, HSI (ZHU XI). *Introduction to the study of the classic of change (I xue qi meng)*. ADLER, J. A. (Trans.). New York: Global Scholarly Publications, 2002.

CHUANG TZU. *Escritos básicos*, segundo a versão inglesa de Burton Watson. São Paulo: Cultrix, 1964.

WATSON, B. *The complete works of Chuang Tzu*. New York: Columbia University Press, 1968.

COUVREUR, F. S. *Dictionnaire classique de la langue chinoise*. Kuang-chi Press, 1993.

DEWEY, J. *Experience and nature*. Mineola, NY: Dover Publications, 1958.

DEWEY, J. *Reconstruction in philosophy*. Boston: Beacon Press, 1957.

FULLER, M. A. *An introduction to literary Chinese*. Harvard University Press, 1999.

FUNG, Y-L. *A history of chinese philosophy*. Princeton University Press, 1973.

GRANET, M. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HALL, D. L.; AMES, R. T. *Anticipating China: thinking through the narratives of Chinese and Western culture*. Albany, NJ: State University of New York Press, 1995.

HALL, D. L.; AMES, R. T. *Thinking from the Han: self, truth and transcendence in Chinese and Western culture*. Albany, NJ: State University of New York, 1998.

AMES, R. T.; HALL, D. L. *Dao de jing: a philosophical translation*. New York: Ballantine Books, 2003.

HANSEN, C. *A daoist theory of chinese thought: a philosophical interpretation*. New York: Oxford University Press, 1992.

HENRICKS, R. G. *Lao-tzu te-tao ching: a new translation based on the recently discovered Ma-Wang-Tui texts*. New York: Ballantine Books, 1989.

JULLIEN, F. *Nutrir la vida mas allá de la felicidad*. Buenos Aires: Katz, 2007.

JULLIEN, F. *Tratado da eficácia*. São Paulo: Editora 34, 1998.

JULLIEN, F. *Figuras da imanência: para uma leitura filosófica do I Ching, o clássico da mutação*. São Paulo: Editora 34, 1997.

JULLIEN, F. *The propensity of things: towards a history of efficacy in China*. New York: Zone Books, 1995.

JUNG, C. G. *Synchronicity: an acausal connecting principle*. Princeton University Press, 1973.

KARCHER, S. *Ta chuan: the great treatise*. New York: St. Martin's Press, 2000.

KIDDER, S. *et al. Sung dynasty uses of the i ching*. Princeton University Press, 1990.

KJELLBERG, P.; IVANHOE, P. (Orgs.). *Essays on skepticism, relativism and ethics in the zhuangzi*. Albany, NY: State University of New York Press, 1996.

LYNN, R. J. *Tao-te ching: the classic of the way and virtue, as interpreted by Wang Bi*. New York: Columbia University Press, 1999.

MATHEWS'. *Chinese-english dictionary*. Harvard University Press, 1996.

MERTON, T. *A via de Chuang Tzu*. Petrópolis: Vozes, 1989.

PULLEYBLANK, E. G. *Outline of classical chinese grammar*. Vancouver: University of British Columbia, 1995.

RORTY, R. *El pragmatismo, una versión. Antiautoritarismo en epistemología y ética*. Barcelona: Editorial Ariel, 2000.

RORTY, R. *Objetividad, relativismo y verdad*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1996a.

RORTY, R. *Consecuencias del pragmatismo*. Madrid: Tecnos, 1996b.

RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Ed. Dumará, 1995.

RORTY, R. *Contingencia, ironía y solidaridad*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

SHANKMAN, S.; DURRANT, S. W. (Eds.). *Early China/Ancient Greece: thinking through comparisons*. Albany: State University of New York Press, 2002.

SHAUGHNESSY, E. L. *I ching: the classic of changes. The first English translation of the newly discovered second-century b.c. Mawangdui texts*. New York: Ballantine Books, 1997.

SHCHUTSKII, I. K. *Researches on the I ching*. Princeton University Press, 1979.

WANG, B. *The classic of changes: I Ching*; LYNN, R. J. (Trans.). New York: Columbia University Press, 1994.

WIEGER, Dr. L. *Chinese characters: their origin, etymology, history, classification and signification*. New York: Paragon Book Reprint Corp., 1965.

WILHELM, R. *I Ching: o livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 1983.